

CLIPPING



ADIMB
Agência para o Desenvolvimento e
Inovação do Setor Mineral Brasileiro

30 de Outubro de 2020

A missão da ADIMB é a de promover o desenvolvimento técnico-científico e a capacitação de recursos humanos para a Indústria Mineral Brasileira

O conteúdo das matérias é de inteira responsabilidade dos meios de origem



ADIMB
Agência para o Desenvolvimento e
Inovação do Setor Mineral Brasileiro



ADIMB
Agência para o Desenvolvimento e
Inovação do Setor Mineral Brasileiro

CURSOS

A ADIMB anuncia a realização do curso online “**ECONOMIC GUIDELINES FOR MINERAL EXPLORATION**”, que será realizado pelo **Dr. Michael Doggett - Mineral Economics Consultant Beach Meadows Resources Inc. - Vancouver, B.C., Canada**, entre os dias **07/12 a 11/12 de 2020**.

CLIQUE AQUI
PARA VISUALIZAR A EMENTA DO CURSO

www.adimb.org.br

Centro Empresarial Liberty Mall - SCN Quadra 02 - Bloco D - Torre A - Salas 501/503/505 - Tel. (61) 3326-0759

Fonte: ADIMB

Data: 30/10/2020

MINISTÉRIO DE MINAS E ENERGIA
Minas e Energia

SECRETÁRIOS DO MME PARTICIPAM DE DIÁLOGO COM INVESTIDORES DE DIVERSOS SETORES

Os secretários do Ministério de Minas e Energia, participaram, nesta quinta-feira, 22/10, de um diálogo com investidores dos segmentos de energia elétrica, petróleo, gás, biocombustíveis e mineração, por meio de videoconferência.

O evento teve como objetivo promover um amplo debate sobre oportunidades, intercâmbio de conhecimento, perspectivas e ambiente de negócios nesses segmentos, especialmente para a retomada da economia, pós COVID-19.

Para abrir o debate, a secretária-executiva, Marisete Pereira, falou sobre a privatização da Eletrobrás, propostas legislativas, como, MP 988, PL 232, Nova Lei do Gás, Regime de Partilha e Mineração em Novas Áreas, além das falas sobre Itaipu, Angra 3 e Privatização das Distribuidoras. “Todos nós queremos que, especialmente o setor de energia elétrica, seja majoritariamente privado”, disse Marisete. “A gente têm trabalhado de modo que essas privatizações também sejam exitosas para vários estados”, completou.

Em seguida, o secretário de Geologia, Mineração e Transformação Mineral, Alexandre Vidigal, apresentou seu setor abordando sobre a sustentabilidade em mineração, licenciamento ambiental de projetos, Compensação Financeira pela Exploração de Recursos Minerais (CFEM), financiamento da ANM e infraestrutura para expansões de capacidade. “No geral, a mineração no Brasil tem apresentado resultados surpreendentes”, afirmou. “Mesmo após o início da pandemia de COVID-19, os números e resultados se apresentam em uma posição diametralmente oposta aquilo que havia sido apresentado”, concluiu.

Logo após, o secretário de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis, José Mauro Ferreira, abordou temas relacionados ao Novo Mercado de Gás (NMG), leilões de petróleo e regimes, abertura do refino, biocombustíveis, Renovabio e políticas de longo prazo para renováveis. O secretário ressaltou ainda a importância do NMG, que visa permitir a entrada de novos agentes do mercado.

Seguidamente na reunião, Hélio Neves Guerra, secretário de Planejamento e Desenvolvimento Energético, se expressou sobre a transição energética para renováveis, revisão das garantias físicas e novos leilões de energia. De acordo com o secretário, “O Brasil caminha para, cada vez mais, ter uma matriz energética renovável, limpa e segura”.

Para finalizar, o secretário de Energia Elétrica, Rodrigo Limp, falou sobre redução de subsídios, MP 998, geração distribuída, GSF e RTE das distribuidoras. Em fala, Rodrigo Limp lembrou da notabilidade do Novo Mercado de Gás através da expansão de usinas termoeletricas.

Fonte: MME

Data: 23/10/2020



AUXICO CAPTA US\$ 2,7 MILHÕES PARA FINANCIAR NEGOCIAÇÃO DE MINÉRIOS

A Auxico Resources fechou uma emissão privada de ações com a captação de US\$ 2,7 milhões que, de acordo com a companhia, serão usados para financiar a negociação de minérios de tântalo e nióbio do Brasil, Colômbia e República Democrática do Congo. Segundo a empresa, os recursos foram captados com a emissão de debêntures conversíveis.

“Os recursos líquidos da colocação privada serão usados para iniciar o comércio de minérios portadores de tântalo e nióbio da República Democrática do Congo, Brasil e Colômbia, bem como para fins gerais de capital de giro”, afirmou a companhia em comunicado ao mercado.

De acordo com a empresa, cada debênture tem valor US\$ 1, com vencimento em 23 de outubro de 2023, e pode ser convertido em ações da própria Auxico, da Central America Nickel ou convertido em dinheiro na data do vencimento.

No caso dos papéis da Auxico, cada debênture pode ser convertido, pelo valor de US\$ 0,20, em uma unidade composta por uma ação ordinária e uma opção de compra exercível por até três anos para aquisição de nova ação a um preço unitário de US\$ 0,25. Para os papéis da Central America Nickel, cada debênture poderá ser convertido por uma ação ordinária ao preço de conversão de US\$ 1 por ação.

A Auxico informou ainda que os investidores que adquiriram as debêntures vão receber também, trimestralmente, o equivalente a 13,94% do lucro líquido gerado pela empresa. “Isso representa 1% dos lucros para cada US\$ 200.000 do valor principal das debêntures.

No comunicado, a companhia ressalta que o chamado recurso de participação “também se aplica a quaisquer lucros gerados para Auxico da venda de tântalo, nióbio e outros minerais do Brasil, Colômbia, República Democrática do Congo e outras jurisdições”.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

Data: 29/10/2020



SAMARCO SE PREPARA PARA RETOMAR OPERAÇÕES

A Samarco, joint venture entre BHP e Vale, se prepara para a retomada das operações, prevista para o final de 2020. Por meio de nota, a companhia ressaltou que o recomeço ocorrerá de forma gradual, inicialmente, com um concentrador no Complexo de Germano, em Mariana, na região Central de Minas, e uma usina de pelotização em Ubu, no Espírito Santo. Isso representará 26% da capacidade total da mineradora.

A produção inicial prevista é de aproximadamente 8 milhões de toneladas de minério de ferro por ano. Segundo a empresa, a retomada operacional ocorrerá após a implantação do sistema de filtragem de rejeitos, em andamento, e conclusão das atividades de prontidão operacional.

"Para a retomada das operações, a Samarco está implementando o sistema de filtragem de rejeitos, que possibilitará o empilhamento a seco de 80% do rejeito a ser gerado no processo produtivo. Os 20% restantes serão dispostos na Cava Alegria Sul, uma estrutura de formação natural rochosa e confinada que permite a contenção natural do rejeito de forma mais segura. Toda a água extraída com a filtragem será recirculada no processo produtivo tornando-o mais sustentável, apoiado em boas práticas de sustentabilidade", assegurou a empresa.

As operações da mineradora estão paralisadas desde o rompimento da barragem de Fundão, em Bento Rodrigues, distrito de Mariana (MG), ocorrido em 2015. Em 2016, a empresa teve todas as licenças operacionais suspensas pelo Tribunal de Justiça de Minas Gerais (TJMG). Após isso, a Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (Semad) determinou o licenciamento operacional corretivo de todas as estruturas do complexo.

Há um ano, a Samarco recebeu a Licença de Operação Corretiva (LOC), concedida pela Câmara de Atividades Minerárias (CMI) do Conselho Estadual de Política Ambiental (Copam) e foi autorizada a retomar as suas atividades na unidade.

Na época, a mineradora informou que passava a contar não apenas com todas as licenças ambientais para o reinício das operações, mas que também esperava retomar as atividades usando tecnologias novas para o empilhamento de rejeitos. Informou ainda que a construção da planta de filtragem ocorreria em aproximadamente 12 meses.

Em relação a vagas de empregos, a empresa disse que, quando abertas, serão divulgadas no site Vagas.com.

Renova

Em balanço apresentado na última semana, a Fundação Renova informou que já foram investidos mais de R\$ 10 bilhões em ações de reparação da tragédia. Apenas em termos de indenizações, já foram destinados R\$ 2,6 bilhões para ressarcimentos e auxílios financeiros a cerca de 321 mil pessoas. Do valor total, 49,2% (R\$ 1,28 bilhão) foi entregue aos atingidos em Minas Gerais.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

Data: 28/10/2020



ALTAMIRA CONFIRMA NOVAS ESTRUTURAS MINERALIZADAS NO PROJETO DE OURO CAJUEIRO

Resultados de análises realizadas em trincheiras abertas pela Altamira Gold no projeto de ouro Cajueiro, no Mato Grosso, confirmaram, segundo a empresa, novas estruturas mineralizadas com alto teor no ativo. Simultaneamente, a companhia informou que negocia "arranjos financeiros" para obter os US\$ 6 milhões necessários para custear o desenvolvimento de uma operação e céu aberto e uma planta de processamento de 1.000 toneladas diárias no ativo.

Segundo a Altamira, resultados de três novas estruturas mineralizadas na área do alvo de Baldo incluem 7m @ 1,32 g/t de ouro (Baldo 3), 3m @ 4,43 g/t de ouro incluindo 1m @ 11,59 g/t de ouro (Baldo C), e 4m @ 3,27 g/t de ouro incluindo 1m @ 10,78 g/t de ouro (Baldo D).

Além disso, a mineradora relatou ainda resultados de análise de estruturas mineralizadas já conhecidas também na área de Baldo que incluem 14m @ 1,27 g/t de ouro (Baldo) e 6m @ 1,93 g/t de ouro (Baldo 1).

A empresa informou que também está realizando amostragem do solo dentro e ao redor da anomalia de ouro no alvo Maria Bonita, a 5 km a NW dos depósitos conhecidos em Cajueiro com objetivo de estabelecer a fonte de ouro de aluvião naquela parte da área do projeto. "A coleta de uma grande amostra de material do projeto Cajueiro foi concluída e enviada para o laboratório a fim de maximizar a recuperação da planta", declarou a companhia.

"Os resultados das três novas estruturas mineralizadas na área de Baldo são altamente encorajadores e contêm vários intervalos de alto teor, confirmando nossa crença de que há um potencial significativo para expandir o recurso 43-101 atual na área central de Cajueiro", disse o presidente e diretor-administrativo da Altamira, Michael Bennett.

Ele acrescentou que "o recurso atual corresponde a aproximadamente 1% da área do projeto". "Esperamos identificar novas zonas dentro e fora da área de recursos, uma vez que a remoção da cobertura da superfície comece antes da produção", afirmou.

A descoberta dos novos alvos, batizados Baldo 3, Baldo C e Baldo D, foi anunciada pela empresa em julho passado. Baldo, juntamente com os alvos de Crente, Marines e Matrincha, constituem o atual recurso NI 43-101 de Cajueiro e incluem 5,66Mt @ 1,02 g/t de ouro para um total de 185.000 onças na categoria de recurso indicado e 12,66Mt @ 1,26 g/t de ouro para um total de 515.000 onças na categoria de recursos inferidos.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

Data: 28/10/2020

RANKED: TOP 20 MINING COMPANIES – CAPITAL RAISED IN 2020

The extraction of metals and minerals is a capital intensive endeavour. Mining companies require hundreds of millions of dollars – and in many cases, billions – to take a project from exploration to production.

Using data provided by Miningintelligence, we have listed those that have raised significant amounts of capital year-to-date.

Leading the pack is Australia's Newcrest Mining, raising nearly \$782.5 million so far in 2020. The firm recently gave the go-ahead on an expansion of its flagship Cadia mine, which would consume a large portion of that funding.

The second and third places are also occupied by Australian companies: fertilizer and mining services firm Incitec Pivot (\$389 million) and rare earths producer Lynas Corp. (\$309 million).

Unsurprisingly, with the gold price riding high, gold mining companies and explorers have been successful in attracting capital and feature prominently on the list.

TOP 20 MINING COMPANIES – CAPITAL RAISED 2020

Company	Headquarters	Property regions	Commodity exposure	Total raised (US\$)
1. Newcrest Mining Ltd	Australia	North America, Oceania, South America	Copper, Gold, Molybdenum, Silver	782,450,905
2. Incitec Pivot Ltd	Australia	Oceania	Phosphate Rock	388,802,992
3. Lynas Corp. Ltd	Australia	Africa, Asia, Oceania	Niobium, Rare Earth, Tantalum, Titanium, Uranium	309,138,013
4. Gold Fields Ltd	South Africa	Africa, Asia, Oceania, South America	Copper, Gold, Silver	251,845,426
5. Coronado Global Resources Inc.	Australia	North America, Oceania	Coal	181,598,050
6. Nickel Mines Ltd	Australia	Asia	Cobalt, FerroNickel, Iron Ore, Nickel	161,866,194
7. Osisko Mining Inc.	Canada	North America	Copper, Gold, Lithium, Nickel, Silver, Zinc	130,539,783
8. Artemis Gold Inc.	Canada	North America	Gold, Silver	129,712,140
9. Resolute Mining Ltd	Australia	Africa	Gold	125,459,337
10. Equinox Gold Corp.	Canada	North America, South America	Gold, Silver	105,189,086
11. Argonaut Gold Inc.	United States	North America	Copper, Gold, Lead, Silver, Zinc	102,891,592
12. SilverCrest Metals Inc.	Canada	North America	Gold, Silver	100,935,854
13. Orocobre Ltd	Australia	South America	Boron, Lithium, Potash, Potassium	93,139,698
14. Mag Silver Corp.	Canada	North America	Copper, Gold, Lead, Molybdenum, Silver, Zinc	92,778,129
15. Fortuna Silver Mines Inc.	Canada	Europe, North America, South America	Copper, Gold, Lead, Silver, Zinc	69,000,000
16. Bluestone Resources Inc.	Canada	Central America, North America	Copper, Gold, Molybdenum, Silver	65,632,958
17. Dacian Gold Ltd	Australia	Oceania	Gold	63,179,600
18. Panoramic Resources Ltd	Australia	Oceania	Cobalt, Copper, Gold, Nickel, Palladium, Platinum	61,365,443
19. Gascoyne Resources Ltd	Australia	Oceania	Gold	61,325,994
20. Osisko Gold Royalties Ltd	Canada	North America	Cobalt, Copper, Gold, Lead, Lithium, Nickel, PGM, Rare Earth, Silver, Zinc	60,175,715

Source: Miningintelligence

miningintelligence

Fonte: Mining.com

Data: 27/10/2020



VALTERRA RELATA ALTOS TEORES EM PROJETO DE OURO LIMA, NO MT

A Valterra Resource relatou resultados de análise realizada em amostras do projeto de ouro Lima, no Mato Grosso, que apontaram mais de 100 gramas de ouro por tonelada (g/t Au). Segundo a companhia, duas das oito amostras coletadas no ativo retornaram este teor.

De acordo com a Valterra, as duas amostras têm 50 cm e 40 cm de largura e foram verificadas por ensaio de repetição. Das outras seis, uma contém 4,7 g/t Au, uma contém 0,09 g/t Au e "as quatro amostras restantes contêm menos do que o limite de detecção de 0,005g/t Au".

A companhia informou que o material analisado foi coletado em duas trincheiras de garimpo localizadas na parte norte da propriedade. A mineradora sediada no Canadá assumiu o projeto Lima com a aquisição da Poconé Mining Mineração no início de junho.

Segundo a empresa, o processo de amostragem na propriedade foi conduzido pela GE21 Consultoria Mineral e as amostras, de aproximadamente 2 kg cada, foram analisadas pela SGS Geosol "como parte do trabalho de due diligence da Valterra nesta nova aquisição".

"Apenas duas trincheiras garimpeiras foram identificadas na propriedade, com o restante dos 156 ha sendo coberto por 0,5m a 1,5m de solo laterítico virgem", informou a Valterra em nota. "A avaliação inicial das operações próximas e os dados geofísicos regionais sugerem um forte potencial de exploração para veios de ouro-quartzo de alto grau, tanto na área das trincheiras existentes quanto em todo o resto da propriedade", acrescentou a mineradora.

O diretor da Valterra, Joseph Kizis, salientou que "a identificação de veios ricos em ouro na propriedade é significativa, pois ajuda a verificar a premissa de que estruturas mineralizadas projetam-se de garimpos próximos através da propriedade essencialmente virgem de Lima".

Nos de veios, delineamento de recursos minerais e, eventualmente, amostragem em massa".

Além de Lima, a Valterra também assumiu o projeto de ouro Livramento, também no Mato Grosso, onde a companhia iniciou processamento de amostras em meados do mês atual.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

Data: 27/10/2020

S&P Global
Platts

IRON ORE IN FOCUS 1: PRICE BANDS NARROW IN YEAR OF CONTRASTS

This is the first of a two-part series looking at how COVID-19 has triggered contrasting fortunes in the global iron ore market due to supply disruptions in Brazil and the divergent pace of demand recovery between China and the rest of the world. Part 2: Ex-China demand downturn hits pellet trade

China's import boom and a demand slump in the rest of the world have polarized the global iron ore trade in 2020. With Chinese steel margins recovering slightly after the Golden Week earlier in October, the high-to-mid grade iron ore premium looks set to remain firm throughout the fourth quarter, driven by reduced domestic concentrate supply and expensive coke prices in China.

This comes after iron ore prices reached multi-year highs in Q3, driven by resurgent Chinese demand and a Brazilian supply squeeze -- but price spreads between the S&P Global Platts IODEX 62% Fe fines benchmark and other iron ore grades narrowed, indicating a recovery in supply and heightened competition between various grades.

As a result, Chinese steel mills have more economically viable blending options in Q4 than they did earlier in the year to optimize their iron ore burden mix and therefore, steel production costs.

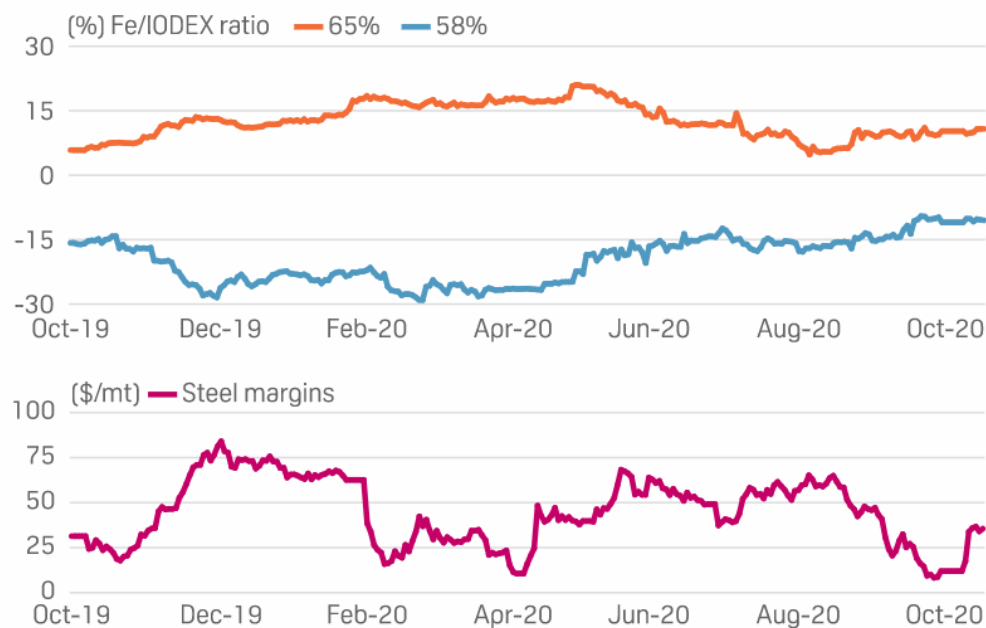
IRON ORE PRICES AT MULTI-YEAR HIGHS DESPITE GLOBAL ECONOMIC TURMOIL



Source: S&P Global Platts

Prices for high- and low-grade fines have converged toward the IODEX benchmark in the second half of 2020. The premium for 65% Fe over the IODEX has narrowed while the discount for 58% Fe relative to the IODEX has been eroded. The performances of the respective iron ore products are down to the supply of product and grades, Chinese steel margins and mills' subsequent blending practices.

CONVERGING HIGH- AND LOW-GRADE INDEXES TOWARDS MID-GRADE INDEX



Source: S&P Global Platts

Typically, high steel margins raise premiums between high- and mid-grade fines and widen the discount between low- and mid-grade fines, while low steel margins do the opposite. However, Brazilian iron ore exports were at sharply reduced levels over January-May, after supply was disrupted by heavy rainfall early in the year, combined with reduced output from assets placed under care and maintenance following the Brumadinho dam collapse in January 2019.

This bolstered prices for Brazilian high grade Carajás fines, widening the spread between the 65% Fe index and IODEX, despite weaker Chinese steel margins over February-April. Brazil is the most significant source of seaborne low alumina iron ore supply, and high alumina cargoes were heavily discounted as a result. The Platts 58% Fe index, the specifications of which were closely aligned with high-alumina Indian fines before May, was trading at a large discount to the IODEX.

BRAZILIAN IRON ORE EXPORTS RALLY, FOLLOWING JAN-MAY SLUMP



Source: Global Trade Tracker

From May, the high-to-mid grade premium fell due to recovering Brazilian supply and a seasonal slowdown in China's construction activity, negatively impacting Chinese steel margins. Growth in China's domestic concentrate production was also rising to fill the gap in seaborne high-grade iron ore supply.

Although Chinese steel margins recovered in July and August, the high-to-mid grade premium continued to fall, weighed down by a recovery in Brazilian exports and lower pellet prices.

The spread between 65% Fe pellet prices and 65% Fe fines fell sharply over February-August as pellet exporters diverted more supply to China following a slump in demand outside of China due to the coronavirus pandemic. China's pellet imports over January-August were already close to the 33 million mt imported over full year 2019.

65% FE PELLET PRICE DIPPED BELOW 65% FE FINES INDEX IN AUG



Source: S&P Global Platts

In theory, 65% Fe pellets should be priced at a premium to 65% Fe fines due to the additional grinding and pelletizing costs of converting fines into pellets. In August, however, the calculated 65% Fe pellet spot price fell below the 65% Fe fines index, exerting downward pressure on the latter.

Australian supply also tightened in July and August, which helped to lift prices for mid-grade fines sharply. This encouraged Chinese mills to adjust their sintering blends in favor of a high and low grade fines combination over the relatively more costly mid-grade products.

PRONOUNCED COST ADVANTAGE OF HIGH-LOW GRADE BLEND OVER MID-GRADE IN AUGUST



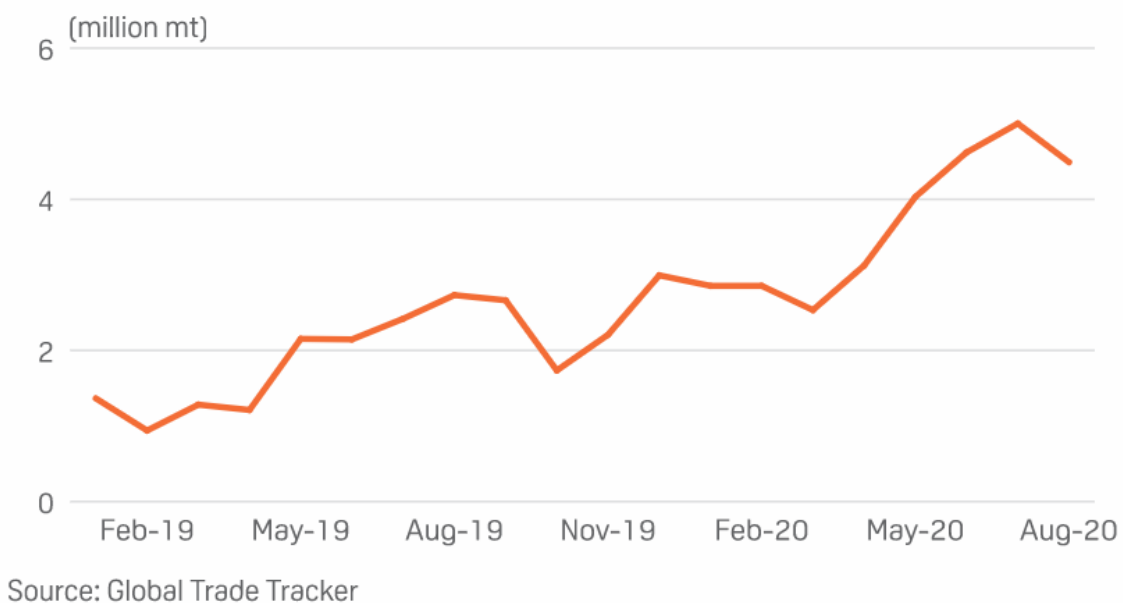
Helped by recovering demand globally, September saw a rebound in the spread between 65% Fe pellet prices and 65% Fe fines prices, providing headroom for a rise in high-grade fines prices. Supply of low-grade fines also tightened from India due to wet weather, narrowing the low-to-mid grade discount and eroding the cost savings offered by the high-low grade fines blend in sintering.

There has been an improvement in Chinese steel margins since the Golden Week holiday in early October, which has helped to lift the high-to-mid grade premium. S&P Global Market Intelligence expects the premium to remain firm for the rest of the year, with steel margins supported by the prospect of a moderation in Chinese steel production growth and domestic concentrate supply cuts during the winter.

Further support could also stem from high coke prices due to tightness in coal supply in winter and a seasonal slowdown in Brazilian exports following a strong rise in Q3. Conversely, the low-to-mid grade spread could widen amid improved steel margins and ample supply from Australia and India.

Chinese demand has been especially strong for Indian iron ore of up to 58% Fe content to date in 2020 -- Indian iron ore product above 58% Fe is subject to a 30% export duty.

CHINESE IRON ORE IMPORTS FROM INDIA SURGE IN MAY-AUG



Global iron ore trade has polarized in 2020, with a Chinese import boom offsetting a demand slump in the rest of the world. However in the iron ore pellet market, ex-China demand has carried more sway, with trade and price premiums down sharply.

Fonte: S & P Global Platts

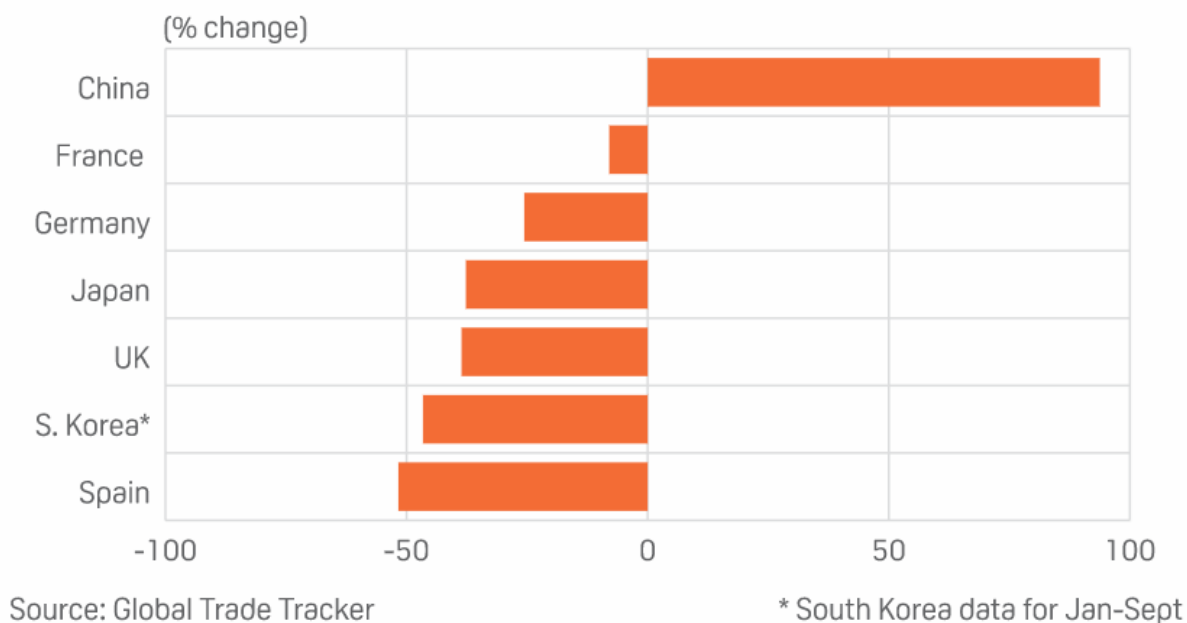
IRON ORE IN FOCUS 2: EX-CHINA DEMAND DOWNTURN HITS PELLET TRADE

This is the second part of a two-part series looking at how COVID-19 has triggered contrasting fortunes in the global iron ore market. Part 1: Price bands narrow in year of contrasts

The coronavirus pandemic has triggered a sharp contraction in the global iron ore pellet trade in tandem with the slump in steel demand that has prompted aggressive cuts to steel and pig iron production outside of China in recent months.

The EU and Japan, both major iron ore importers, saw steel output fall 18%-19% year on year over January-September amid a wave of blast furnace capacity curtailments as downstream demand dried up.

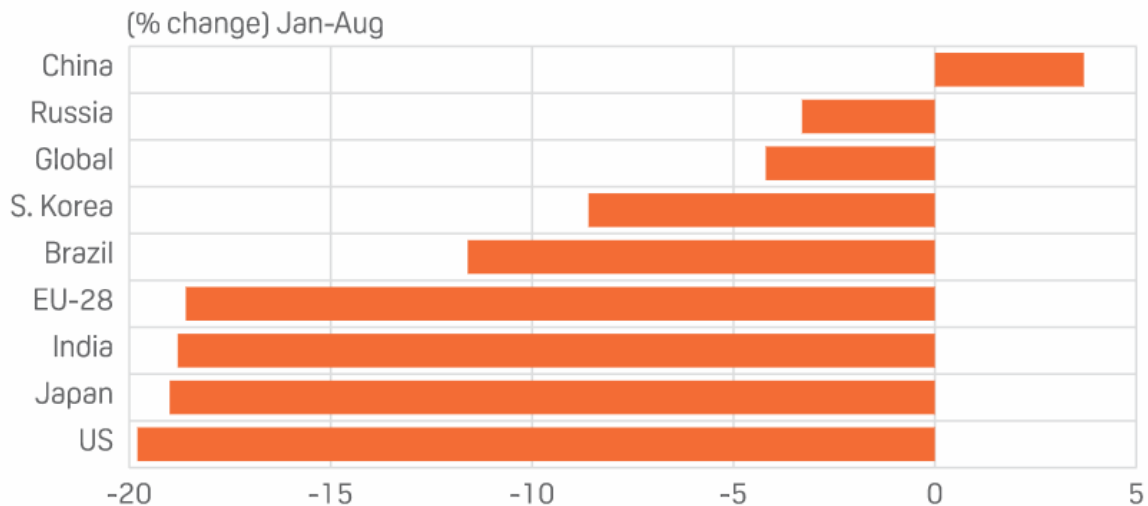
That decline in steel output has led to a pronounced fall in pellet trade. Over January-August, pellet imports by Japan and South Korea fell 38% and 42%, respectively, year on year, for a combined fall of 4.2 million mt, while the EU's pellet imports fell 29%, or by 7 million mt, over the same period.

EX-CHINA PELLET IMPORTS FALL SHARPLY IN JAN-AUG


A reduced emphasis on boosting blast furnace productivity during the downturn has curtailed ex-China pellet demand. Pellets are also typically more expensive relative to iron ore fines and lump. Therefore, steel producers tend to scale back pellet usage as a cost reduction measure in a market downturn. Blast furnace-based steelmaking dominates in East Asia and Europe, where producers have scope to adjust and optimize the iron ore burden between sintered fines, lump and pellet products.

In the Middle East, direct reduced iron-based steelmaking is more prevalent, with DR-grade pellets accounting for most of the iron ore consumed. With steel production in Qatar and UAE scaled back aggressively, pellet trade has fallen sharply, with the UAE posting a 24% year-on-year fall in imports over January-August. Saudi Arabia saw pellet imports fall 13% year on year over the same period, mirroring the decline in domestic direct reduction iron production.

CHINA BUCKS GLOBAL STEEL PRODUCTION FALL IN FIRST EIGHT MONTHS



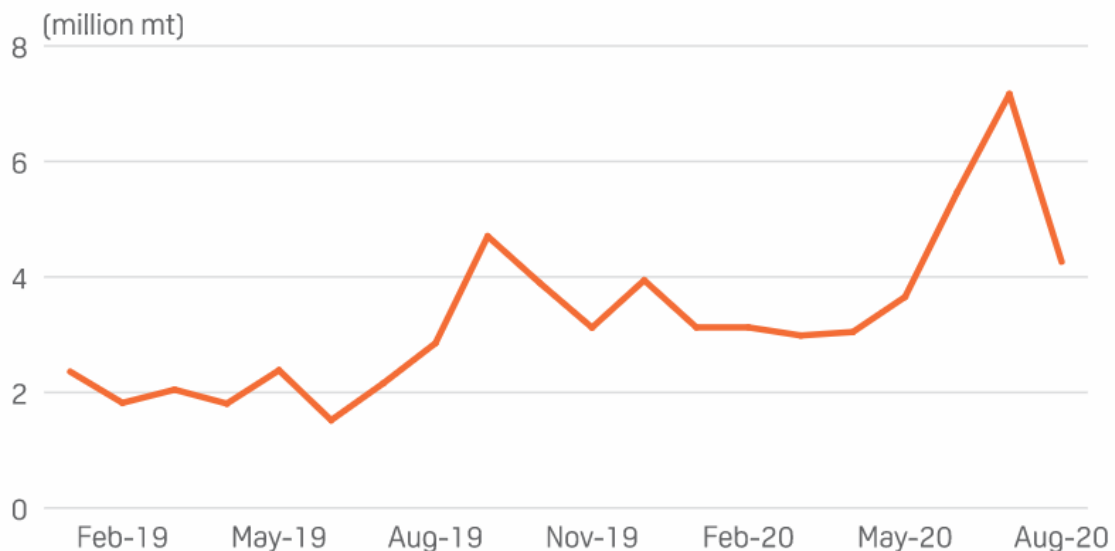
Source: World Steel Association

China is one of the few bright spots for the pellet trade in 2020, with January-August imports surging 93% year on year, equating to a 16 million mt increase. Economic recovery in China has led to a sharp rebound in steel demand.

This spurred Chinese steel production growth of 4.5% on year over January-September, National Bureau of Statistics data showed.

China's blast furnace productivity drive, coupled with the prospect of seasonal restraints on sintering operations to curb winter emissions, would favor increased pellet usage in Chinese blast furnaces in the coming months.

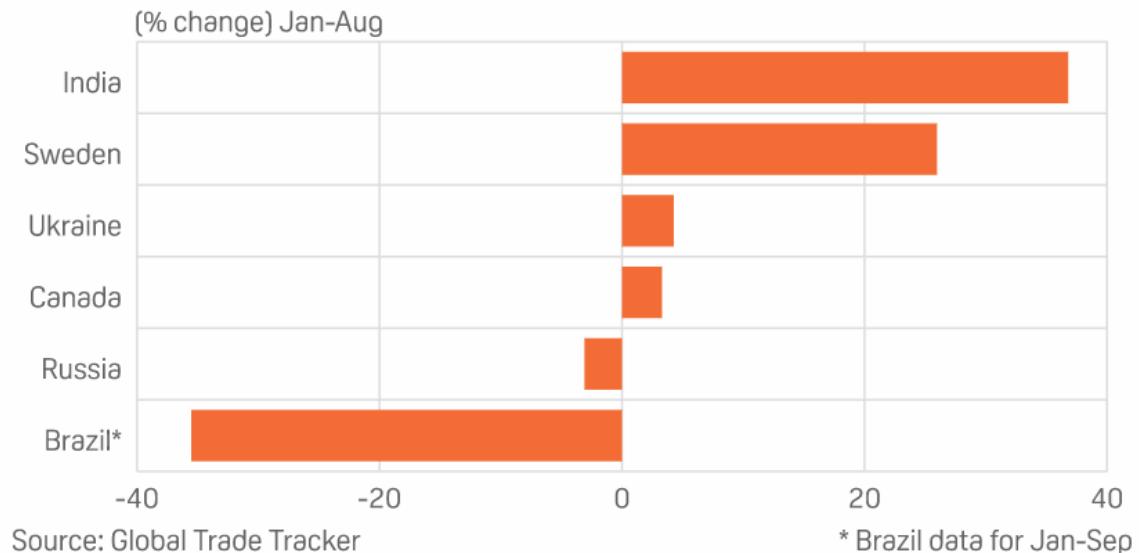
CHINESE PELLETS IMPORTS HIGHER YoY



Source: Global Trade Tracker

The contrast of a resurgent Chinese steel market and ailing demand globally is reflected in a shift in trade patterns for pellet exporters. The downturn ex-China has prompted iron ore exporters to divert more supply to China, boosting pellet trade from Russia, Ukraine, Sweden and India.

BRAZILIAN PELLET EXPORTS PLUNGE, AS INDIA AND SWEDEN BENEFIT

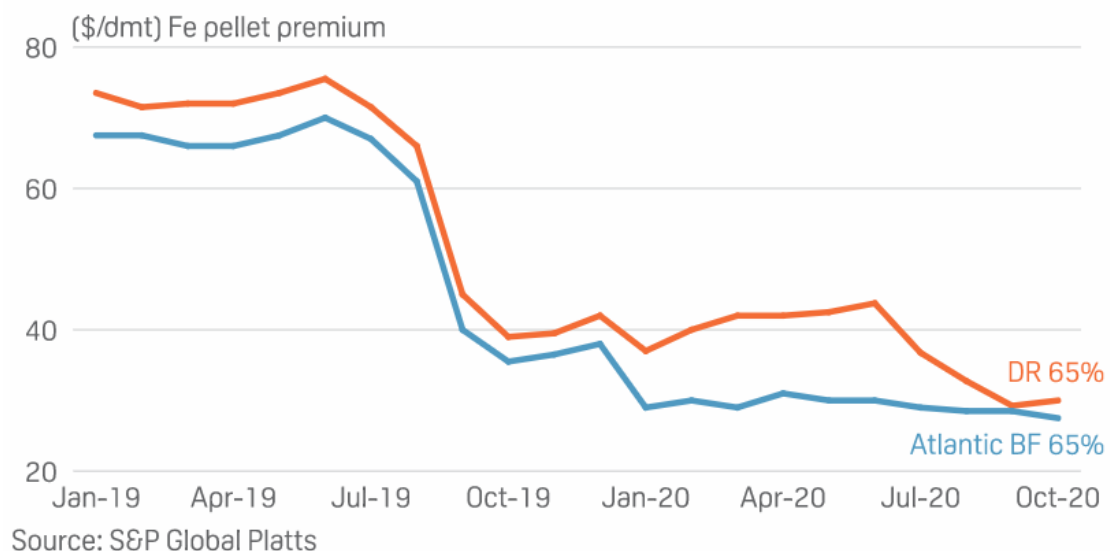


Brazil is the world's biggest exporter of pellets, despite a drop in shipments from 54 million mt in 2015 to 27 million mt in 2019. Key to this was the Fundão tailings dam disaster in late 2015, which led Samarco, a major pellet producer, to cease operating. Another pellet supply crunch ensued in 2019 after the collapse of Vale's Brumadinho tailings dam, which tragically resulted in multiple fatalities. The first nine months of 2020 saw Brazilian pellet exports drop by 36%, or 6.6 million mt, year on year.

However, the trade looks set for a boost with Samarco planning to restart production in the current quarter, initially operating at 26% of its total 30.5 million mt/year capacity.

Pellet trade in North America is also in contraction mode, as aggressive steel production cuts have curtailed iron ore demand in the region. While US pellet exports fell 10% year on year in the first eight months of 2020, strong demand from China has driven Canadian pellet exports 3.3% higher. In the Middle East, pellet shipments from Bahrain fell 45% year on year, or 2.8 million mt, in the first eight months, while correspondingly robust steel production growth in Iran reduced its pellet exports by 2 million mt over the same period.

WEAK EX-CHINA DEMAND SUBDUES PELLET PRICES IN THE SECOND HALF OF 2020



The slowdown in global pellet trade has unsurprisingly narrowed pellet price premiums. The Atlantic Basin blast furnace 65% Fe pellet premium has fallen to \$27.50/dmt to date in October from \$31/dmt in April and \$37/dmt in the fourth quarter of 2019. Year to date, the Atlantic Basin premium has averaged just \$29/dmt, compared with \$57/dmt in 2019. Weak demand in the Middle East has seen the Platts DR-grade 67.5% Fe pellet premium slide to \$30/dmt to date in October from \$43.75/dmt in June and an average of \$62/dmt over 2019.

Looking to 2021, S&P Global Market Intelligence expects a recovery in global economic growth to trigger a significant improvement in ex-China pellet demand. This will be led by a ramp-up in blast furnace output in Europe, Japan and India and a recovery in DRI production in the Middle East.

Pellet premiums are expected to rebound from current lows -- although the upside could be tempered by rising pellet supply, boosted by the planned restart of Samarco's pellet operations in Brazil.

Fonte: S & P Global Platts

Data: 27/10/2020

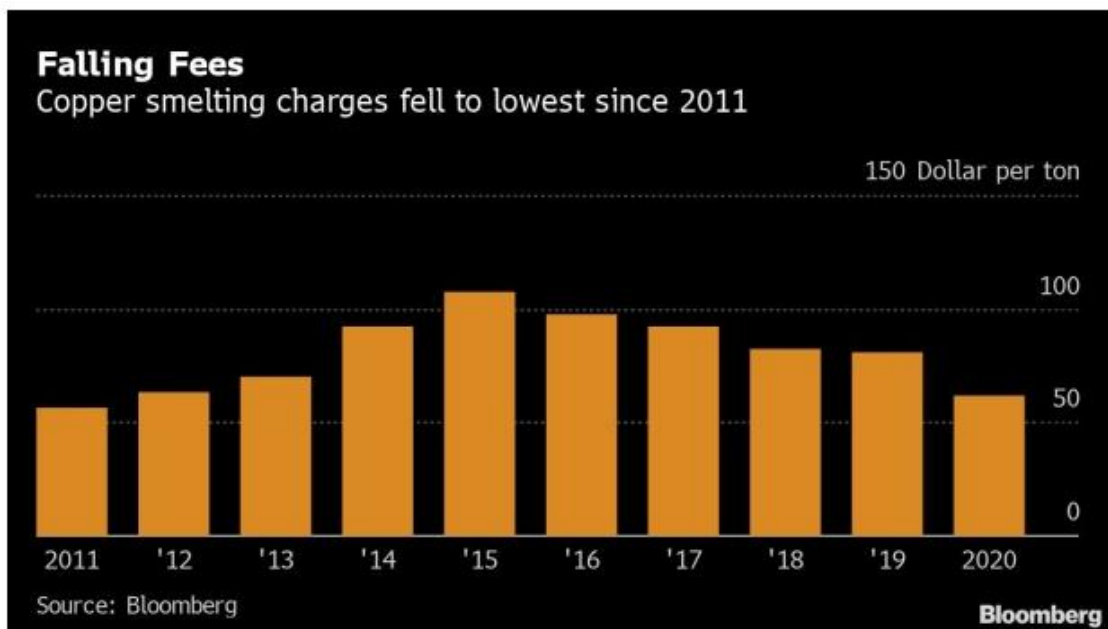


CRITICAL COPPER NEGOTIATIONS POINT TO A TIGHT MARKET

As Freeport McMoRan hammers out next year's benchmark deal for the copper industry, the coronavirus has complicated negotiations but also given the miner an edge.

Gone is an ice-breaking reception for key customers that Freeport's Javier Targhetta hosted for more than two decades during London Metal Exchange Week. For the past few years, that's seen CEO Richard Adkerson serenade hundreds of guests as they dined on champagne and paella at a Park Lane hotel.

While virtual talks are proceeding more slowly than traditional face-to-face meetings, senior VP of marketing and sales Targhetta is targeting similar contractual terms to this year. That's partly because the pandemic is stoking market uncertainty and keeping mine supply tight, a central pillar in copper's rebound to a two-year high above \$7,000 a tonne last week.



"We definitely see a continuing deficit of concentrate in the market," said Targhetta, referring to the mined ores extracted by Freeport and other producers. "I'd look at a small number plus or minus," compared with the current benchmark, he said.

Even before the pandemic, tight supply for concentrates had enabled Freeport to strike deals for 2020 that offered the lowest processing fees in nine years.

This year, the supply of copper from mines in South America was hit hard by the pandemic, while imports into China reached record levels as the country's economy rebounded. While negotiations for 2021 are at an early stage, a projected deficit for concentrates means Freeport doesn't expect to see any major changes in the treatment and refining charges it pays smelters to turn mined ores into metal, Targhetta said.

As the world's largest listed copper miner, the deals Freeport signs with its Asian customers typically set the benchmark for the rest of the industry, and negotiations are closely watched by investors as a barometer for supply and demand for the coming year.

Even without the bonhomie of LME Week's gala dinners and after-parties, one tradition appears to have remained intact: many in the industry finished the week feeling more bullish on copper's prospects than they were at the start.

"After a week full of virtual meetings, our bullish view on copper first established in April and reaffirmed in August hasn't changed," JPMorgan Chase & Co. analysts said in an emailed note, forecasting that prices could hit \$7

500 in the second quarter of 2021. “While there were some disagreements around the price targets during our calls, we concluded that this constructive view on copper seems to be consensus by now.”

Higher prices should provide an incentive for miners to maximize output next year, potentially alleviating some of the strain on supply, Freeport’s Targhetta said.

While he expects that changes in next year’s processing fees will be small, smelters are pressing for a more significant increase to shore up their margins. The head of Aurubis, Europe’s largest copper producer, said treatment and refining charges are unjustifiably low.

“It’s difficult to say what will happen for next year, but for me one thing is clear: this level is not the right level,” Roland Harings said in an interview.

Harings said he’s looking forward to the day when the industry will be able to iron out such commercial differences face-to-face again. He may cut back on travel, but big industry events like LME Week are still going to play a vital role, he said.

On that, Freeport’s Targhetta agrees.

“It’s always difficult, but now it’s much more difficult,” he said, referring to ongoing negotiations. “I’m just looking forward to everyone getting back to normal, and for the pandemic to be over.”

Fonte: Brasil Mining Site

Data: 27/10/2020



CHINA’S NEW INTERNATIONAL COPPER CONTRACT COMES AT THE RIGHT TIME – RUSSELL

Next month’s launch of an international copper contract in China comes at an opportune moment, as the world’s largest importer and consumer of the industrial metal shows once again just how much it dominates the market discourse.

The futures contract will launch on the Shanghai International Energy Exchange (INE) on Nov. 19, the China Securities Regulatory Commission said on Friday.

While a China copper contract is already traded on the Shanghai Futures Exchange (ShFE), the new derivative will be open to trade by foreigners and should offer a much easier path to get exposure to China’s copper market.

The new contract will be traded in yuan, but unlike its competitor, will exclude tax and customs duty, and delivery will be into bonded warehouses.

By contrast, the ShFE contract is largely aimed at domestic traders, offering access to foreign entities through relatively complex structures, meaning its appeal and utility to foreign investors and traders was limited.

Hopes are for the new contract to replicate the success of the INE’s other major futures open to foreign investors, namely crude oil.

That has proven useful for the oil market, by allowing for the delivery of several Middle Eastern crude grades to various ports in China, which lets traders gain exposure to prices at both the loading and delivery points.

While the volumes of the INE crude contract are still well below those of global benchmarks such as Brent and West Texas Intermediate, they have grown strongly since being launched at the end of 2018, and have, furthermore, attracted interest from foreign traders.

Where the INE crude contract has perhaps fallen short is that it has not become a global, or even a regional, benchmark.

Crude oil in Asia is still largely priced against Brent or WTI, or the Dubai Mercantile Exchange’s Oman contract, or the various physical markers assessed by commodity price reporting agencies such as S&P Global Platts and Argus.

The risk for the new copper contract is that it becomes just a useful instrument for the market, rather than an essential one.

However, the INE copper contract will have some advantages over its crude counterpart, the most important being China’s importance to the copper market.

Although China is the world’s largest crude oil importer, its current share of about 15% of global consumption, while large enough to be significant, is not quite enough to dominate world trade.

China dominance

In copper, China has a far more important role, however, being responsible for about just under half the world’s production of copper and copper alloys semis, the industry term for the first-stage products produced from refined copper.

China is also the world’s largest importer of unwrought copper, as well as copper ores and concentrates.

Imports have surged this year to reach the second-highest level on record in September, nearly eclipsing the record set in July.

China customs data shows unwrought copper imports of 4.99 million tonnes in the first nine months of 2020, up 41% from the corresponding period last year.

The import surge has been partly driven by Beijing's stimulus spending following nationwide lockdowns imposed in the first four months of the year to rein in the coronavirus first detected in the central city of Wuhan late last year.

But it is also likely that substantial volumes of copper were flowing into stockpiles, either strategic or commercial, as Chinese traders took a bullish view of the recovery from the virus, eyeing increased spending on infrastructure and construction in a new five-year plan.

What the new INE copper futures are likely to do is quite effectively offer arbitrage opportunities with the existing, well-established global benchmark London Metal Exchange (LME) contract.

The past few months could be a case in point. China has been vacuuming up copper, boosting the price at a time when demand elsewhere in the world was looking sickly as the virus spread.

Higher prices in China and lower prices elsewhere would give traders, producers and consumers opportunities to hedge, and would also likely lead to a more transparent market in China.

The new INE contract may not completely resolve the issue of so-called dark inventories in China, or copper stocks not reported to any exchange, but it should boost market knowledge of trade flows and strengthen the process of price discovery.

Fonte: Mining.com

Data: 26/10/2020



MIND THE GAP BETWEEN SISTER METALS ZINC AND LEAD

The London Metal Exchange (LME) zinc price last week touched a high of \$2,596.50 per tonne, the galvanising metal's strongest performance since May 2019.

The LME lead price, by contrast, has been moving in the opposite direction and is now the clear under-performer of the London base metals market.

These divergent fortunes are not unrelated.

The relative value trade between the two sister metals – so-called because they are almost always found in the same geological deposits – is a perennial favourite among traders.



Indeed, the trade can be a price driver in itself with lead often-as-not sold as an expression of a bullish view on zinc.

Right now zinc's premium stands at around \$765 per tonne, the widest sisterly gap since the second quarter of last year, when it topped out at just over \$1,000.

The divergence looks extreme.

The International Lead and Zinc Study Group's (ILZSG) latest forecasts for both metals are gloomy in the extreme but in this particular ugly contest, zinc's prospects look particularly daunting.

Covid-19 hits demand and supply

Every industrial metal has experienced a covid-19 demand shock this year as manufacturing activity ground to a near standstill in the early months of lockdown.

Zinc demand is expected to contract by 5.3% and lead demand by 6.5% this year, according to the ILZSG.

However, these two metals have also experienced severe supply-side disruption as well.

Zinc mine production is seen sliding by 4.4% and lead by 4.7% due to lockdowns in key producer countries such as Peru, Bolivia and Mexico. Moreover, the Group warned, “a resumption to pre-pandemic production levels is proving to be a challenging process at a number of major mining operations.”

Raw material constraints have impacted refined metal production as well, albeit much more significantly in the lead market.

Global refined zinc production is now expected to grow by just 0.9% this year, down from a forecast of 3.7% growth when the ILZSG last updated its numbers in October 2019.

Refined lead production won't grow at all but rather will contract by 4.3% this year.

The difference is down to lead's heavy reliance on secondary feeds in the form of used car batteries. Scrap recycling chains broke down under lockdowns, knocking out smelters such as Germany's Nordenham, which the ILZSG notes suspended production in July.

This smelter effect plays out in the ILZSG's market balance estimates for each metal.

Both will generate supply-demand surpluses this year and next. But relative to the size of market, that in zinc is larger at a cumulative 1.08 million tonnes – 8% of this year's expected global demand – than the forecast 468,000 tonnes in lead – 3.6% of this year's consumption.

Poor optics

A key difference between these two markets and copper is that China is not clearing excess metal accumulated in the rest of the world.

While the country's imports of refined copper are running at super-hot levels this year, Chinese imports of both zinc and lead are subdued despite raw materials constraints of mined concentrates and recyclable batteries respectively.

Net imports of refined zinc totalled 288,000 tonnes in the first eight months of this year, down 29% on last year and the lowest count for the first eight months of any year since 2015.

Refined lead imports have fallen by a steeper 80% and have totalled just 16,000 tonnes so far this year.

Surplus, in other words, is building without any Chinese release valve.

Moreover, more of that surplus is showing up in the LME's physical delivery network, suggesting the market is less comfortable in holding off-market stocks than, say, eminently fungible aluminium.

Registered zinc stocks have mushroomed to 220,975 tonnes from just 51,200 tonnes at the start of 2020.

Lead stocks have “merely” doubled to a current 128,175 tonnes, largely thanks to 20,000 tonnes of arrivals at Hamburg in Germany, a possible reflection of the trials and tribulations of the Nordenham plant where sales talks are continuing.

Low Chinese import demand and the growth in visible surplus means market optics are negative for both metals.

Closing the gap

Given the ILZSG's statistical snapshot of the two markets' fundamentals, the yawning price differential looks overdone.

That doesn't automatically mean that the gap will close because of the differing engagement of investment funds in the two metals.

Zinc's out-performance has been driven by speculative interest in Shanghai, where zinc is often traded as a ferrous derivative on the basis that a lot of zinc is used to galvanise steel for use in the construction and automotive sectors.

Western investors have been happy to buy into the price strength in what is the LME's third most liquid market after aluminium and copper.

Lead, so far at least, hasn't enjoyed the same Shanghai booster and fund money outside of China is much more wary of lead due to its lower liquidity base and its toxic reputation. When lead does make it into the headlines, it tends to be for the wrong reason, such as last week's class action lawsuit against Anglo American for legacy contamination.

It doesn't help that lead, to quote Tom Mulqueen, analyst at LME ring-trader AMT, simply doesn't have any “longer-term buzz factor”. The electric vehicle (EV) narrative that is lurking in metals such as nickel doesn't play out well for lead, where demand is dominated by batteries for internal combustion vehicles.

It's an oversimplification of lead's role in battery storage – even EVs use a lead battery for non-drive functions – but the result is lead is “a pariah metal for investors,” Mulqueen said at last week's LME Week virtual seminar.

Funds are often more comfortable shorting lead as the flip side of the relative value trade with zinc than they are buying lead against zinc weakness.

This always tilts the trade in favour of zinc, whatever the fundamental signals are suggesting.

If the divergence between the two sisters is to close, look to Shanghai, where speculators are more likely to play either metal from both long and short sides.

Worth noting right now is the sharp build in open interest on the Shanghai Futures Exchange's lead contract, which at 65,077 contracts is the highest it's been since the first week of January.

A simultaneous slide in zinc open interest suggests that Chinese players at least are starting to mind the gap.

Fonte: Mining.com

Data: 26/10/2020



SETOR MINERAL

RECEITA ALCANÇA R\$ 50 BI NO TRIMESTRE

O Instituto Brasileiro de Mineração (IBRAM) divulgou o desempenho da indústria mineral no 3º trimestre de 2020. De acordo com a entidade, o faturamento do setor alcançou R\$ 50 bilhões, impulsionado pela valorização cambial e também pelos preços das commodities minerais. A produção estimada saltou de 210 milhões de toneladas (2T) para 287 milhões de toneladas (3T). O montante é também superior aos 280 milhões de toneladas registrados no mesmo trimestre de 2019. O desempenho da indústria mineral no 3º trimestre aponta para a melhoria em diversos indicadores, como atração de novos investimentos; exportação; faturamento; recolhimento de royalties e tributos; redução das importações; geração de empregos, entre outros.

No acumulado até setembro, o setor mineral faturou R\$ 126 bilhões. O resultado de todo o ano de 2019 se situou em R\$ 153 bilhões. Do total, o minério de ferro respondeu por 63% do faturamento, em reais (R\$ 32 bilhões), seguido pelo ouro (13% = R\$ 6,6 bilhões); cobre (6% = R\$ 3,2 bilhões); calcário dolomítico (3% = R\$ 1,4 bilhão); bauxita (2% = R\$ 1,1 bilhão); fosfato (1% = R\$ 5,8 milhões). No trimestre, as maiores evoluções do faturamento (em reais) em relação ao 2º trimestre foram as do calcário dolomítico (54%); minério de ferro (37%); ouro e fosfato (22% cada); cobre (6%). Já o faturamento da bauxita declinou em 17%.

Entre os estados, o Pará detém a maior participação no faturamento da indústria mineral brasileira, com 43% ou R\$ 21,6 bilhões e evolução de 29% em relação ao 2º trimestre. O estado da região Norte é seguido por Minas Gerais, participação de 38% no faturamento nacional (ou R\$ 19 bilhões) e evolução de 30% em comparação com o trimestre anterior; Goiás, 4% do faturamento nacional (R\$ 1,8 bilhão), evolução de 40%. Mato Grosso, 3% do faturamento nacional (R\$ 1,4 bilhão), crescimento de 45% e Bahia, 3% do faturamento nacional (R\$ 1,7 bilhão), crescimento de 28%.

O recolhimento de tributos cresceu 28% entre julho e setembro em relação ao trimestre anterior, chegando a mais de R\$ 17 bilhões, sendo R\$ 1,44 bilhão em royalties (CFEM - Compensação Financeira pela Exploração de Recursos Minerais) e mais de R\$ 16 bilhões em impostos, taxas e outros. No acumulado até setembro, o setor mineral recolheu R\$ 43,46 bilhões em tributos. Em todo o ano de 2019, o total foi de R\$ 52,94 bilhões. Os R\$1,33 bilhão de CFEM do trimestre significa crescimento de 32,5% em relação ao 2º trimestre e de 23,6% em relação ao 3º trimestre de 2019. No 3º trimestre de 2020, o Pará recolheu, 47,4% de CFEM, seguido por Minas Gerais, 40,5%, Goiás (2,4%) e Bahia (2%). O recolhimento de CFEM aconteceu sobre 91 substâncias minerais, das quais quatro delas responsáveis por mais de 80% de toda a arrecadação no trimestre: minério de ferro (76,6%); ouro (cerca de 7%); cobre (4,5%); calcário dolomítico (2,4%). “Os dados refletem o que o IBRAM tem afirmado desde o início do ano, ou seja, que a indústria mineral será – e efetivamente está sendo – uma das principais responsáveis pela retomada da economia nacional. São empregos mantidos e também criados; geração de negócios para milhares de empresas das cadeias produtivas; divisas importantes para a estabilidade econômica; tributos para fortalecer o poder público; e muitas ações de solidariedade e apoio direto e contínuo às comunidades neste momento delicado de pandemia”, diz Wilson Brumer, presidente do Conselho Diretor do IBRAM.

“A perspectiva para os próximos trimestres é manter a curva ascendente nesses indicadores, desde, é claro, que a pandemia ou outros fatores não interfiram no desempenho industrial, no Brasil e nos mercados compradores de minérios”, avalia Flávio Penido, diretor-presidente do IBRAM. Recentemente foi lançado o “Programa Mineração e Desenvolvimento” pelo Governo Federal, o que é sinal positivo para atrair investimentos no longo prazo, já que

estabelece metas para o planejamento e a implantação de projetos sustentáveis de mineração. O programa é um documento dividido em dez planos e um conjunto de 108 metas.

Segundo Penido, o plano procura estimular a mineração legalizada com foco na geração de resultados que proporcionem crescimento e desenvolvimento sustentável do país. “A população brasileira e os investidores internacionais sentirão mais confiança no desempenho do setor mineral e isso será muito positivo para todas as partes, inclusive, em atendimento ao interesse nacional por mais condições de promover o desenvolvimento socioeconômico e, isso, com cada vez mais participação da indústria da mineração”, completa Wilson Brumer. A perspectiva do IBRAM é abrir oportunidades bilionárias para mais investimentos ao longo da próxima década e um termômetro para isso será a Expo & Congresso Brasileiro de Mineração (EXPOSIBRAM 2020), fórum de debates e de negócios para o setor na América Latina, organizado pelo IBRAM há quase 40 anos. Este ano, em razão da pandemia, será realizado a partir de Belém (PA), de 24 a 26 de novembro, no entanto, 100% online para preservar a segurança das pessoas diante da pandemia. O IBRAM aguarda a participação de 50 mil pessoas de várias partes do mundo.

Em relação aos investimentos, o IBRAM diz que estão previstos cerca de US\$ 37 bilhões entre 2020-2024, sendo que o minério de ferro receberá aportes de US\$ 15 bilhões ou quase 40% do total e bauxita (minério que dá origem ao alumínio) outros US\$ 8 bilhões (quase 22% do total). Em seguida estão os investimentos para minérios utilizados na fabricação de fertilizantes, com US\$ 6 bilhões (17%) e investimentos em projetos de cobre com US\$ 2 bilhões (5,4%).

O IBRAM também apurou o saldo mineral no acumulado do ano, de janeiro a setembro de 2020: cerca de US\$ 21 bilhões. Para efeito de comparação, este valor equivale a quase 47% do saldo comercial brasileiro no mesmo período. Em 2019, de janeiro a setembro, o saldo mineral tinha sido de US\$ 19 bilhões, correspondendo a 66% do saldo comercial brasileiro. A exportação de minérios no 3º trimestre (107,8 milhões ton.) foi 35,8% superior em toneladas a do 2º trimestre de 2020 (79 milhões ton.) e 2,4% acima do realizado no 3º trimestre de 2019 (105 milhões de ton.). As exportações de minério de ferro – que representa os maiores negócios de comércio exterior do setor mineral brasileiro – totalizaram cerca de US\$ 8 bilhões (103 milhões de toneladas). As exportações de ouro no 3º trimestre de 2020 foram de US\$ 1,4 bilhão (quase 26 toneladas), resultado 26% superior em dólar e 13% em toneladas aos números do 2º trimestre: US\$ 1,1 bilhão (23 toneladas). As exportações de manganês, pedras e revestimentos e bauxita foram superiores em dólar em relação ao 2º trimestre: 86%, 55% e 11%, respectivamente. Houve queda em dólar para nióbio, caulim e cobre: 39%, 2,8% e 2,2%, respectivamente. As vendas externas das demais substâncias minerais foram inferiores em dólar: nióbio (57%); bauxita (42,5%); caulim (15%); manganês (14,7%).

Já as importações somaram 9,3 milhões de toneladas de minérios, total 9,6% inferior em toneladas e 13% em dólar ao importado no 2º trimestre. O Brasil importou com mais relevância, os seguintes minérios: carvão mineral, cobre, enxofre, potássio, rocha fosfática, pedras e revestimentos e zinco. Houve incremento, em dólar, nas importações de pedras e revestimentos (39%); rocha fosfática (18%); potássio (11%), enquanto as quedas foram de 52% na importação de zinco e de 59% na de carvão mineral.

Fonte: Brasil Mineral

Data: 23/10/2020



SGB LANÇA INFORME MINERAL SOBRE MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO CIVIL DA REGIÃO METROPOLITANA DE PALMAS

O poder público, a comunidade geocientífica e os empresários do setor mineral da Região Metropolitana de Palmas (RMP), no estado do Tocantins, agora dispõem de uma série de informações técnicas que apontam o potencial mineral do local em relação aos insumos essenciais à construção civil. Após dois anos de estudos e pesquisas, o Serviço Geológico do Brasil (SGB-CPRM) lançou nesta semana o Informe de Recursos Minerais com dados que abrangem os 16 municípios da RMP, levando em consideração levantamentos socioeconômico e de potencial mineral realizados em aproximadamente 24.830 km².

O Informe Mineral da RMP faz parte do Programa Geologia, Mineração e Transformação Mineral idealizado pelo Serviço Geológico do Brasil, inserido também no Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) do Governo Federal. Os estudos que resultaram no documento foram realizados entre 2017 e 2019 pela Diretoria de Geologia e Recursos Minerais (DGM), sob a responsabilidade do Departamento de Recursos Minerais (DEREM), com apoio da Divisão de Minerais Industriais (DIMINI), sendo executado pelos pesquisadores Liliane Lavoura Bueno Sachs e Edécio Tavares de Araújo, lotados respectivamente na Sede de Brasília e na Superintendência do SGB-CPRM em Goiânia (SUREG-GO).

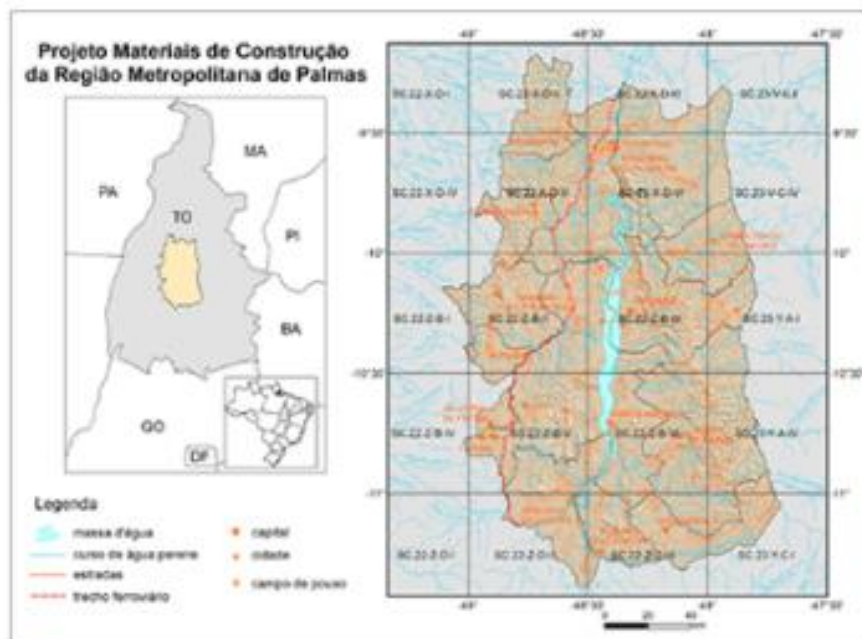


Figura 1.1 - Localização do projeto, municípios abrangidos, articulação das folhas 1:100.000 e vias de acesso.

Mapa do Informe de Recursos Minerais mostra a localização da realização dos levantamentos e os municípios abrangidos

O Informe engloba a análise da infraestrutura e dos aspectos socioeconômicos dessa região, além de tecer considerações sobre o contexto geológico regional, potencial mineral e perfil dos insumos para construção civil, mineração e meio ambiente, métodos de lavra e beneficiamento, direitos minerários, aspectos mercadológicos e legislação mineral.

O documento está disponível para consulta na íntegra. [Clique aqui para acessar](#)

Fonte: CPRM

Data: 23/10/2020

MONEYTIMES

JAZIDA DE OURO NA SIBÉRIA TEM MAIOR RESERVA DO MUNDO, DIZ POLYUS

A Polyus, maior mineradora de **ouro** da **Rússia**, disse que seu depósito inexplorado Sukhoi Log, na Sibéria, contém as maiores reservas do mundo.

Uma auditoria mostrou que o Sukhoi Log tem 40 milhões de onças de reservas comprovadas, segundo os padrões internacionais JORC, com teor médio de ouro de 2,3 gramas por tonelada, disse o diretor-presidente da empresa, Pavel Grachev. Isso significa que o campo – que responde por mais de 25% das reservas de ouro da Rússia – é maior do que o KSM **Project** da Seabridge Gold, no Canadá, e que o **Donlin Gold**, no Alasca.

“A estimativa das reservas é um marco importante no desenvolvimento do campo”, disse Grachev em entrevista de Moscou.

O Sukhoi Log, localizado na região isolada de Irkutsk da Sibéria, foi descoberto por geólogos soviéticos em 1961 e estudado na década de 1970. O governo há muito tempo considerava explorar o depósito e, em 2017, vendeu o campo em um leilão para a Polyus e uma parceira estatal, cuja participação foi comprada posteriormente pela mineradora.

A Polyus disse no início deste ano que teria como foco projetos menores e reduziria seu índice de endividamento nos próximos anos antes de desenvolver o campo. A empresa planeja anunciar detalhes sobre a produção esperada e o investimento no Sukhoi Log assim que um estudo de pré-viabilidade estiver pronto até o fim do ano. A empresa havia dito anteriormente que os custos poderiam somar US\$ 2,5 bilhões, com produção anual total de cerca de 1,6 milhão de onças.

Embora o desenvolvimento de depósitos gigantes seja normalmente um processo longo e caro, o campo pode permitir que a Polyus aumente a produção anual em pelo menos 70%. Os preços do ouro aumentaram cerca

de 60% desde a compra do campo e atingiram recorde em agosto, quando grandes quantidades de estímulo foram injetadas nas economias para aliviar os estragos da pandemia de coronavírus.

“Queremos mostrar que um projeto dessa qualidade e escala pode e deve ser realizado levando-se em consideração os melhores padrões ambientais, apesar do local de difícil acesso”, disse Grachev.

A auditoria mostra que, além das reservas economicamente lavráveis, a jazida conta com 67 milhões de onças de recursos totais frente a 63 milhões de onças estimadas anteriormente. Esse número pode aumentar após mais perfurações e estudos.

O principal investimento está previsto para começar em 2023. A Polyus já começou a gastar em **infraestrutura** para o projeto. Há também um plano de coinvestimento com o governo na reconstrução de um aeroporto local.

Fonte: Money Times

Data: 23/10/2020



GLOBAL COPPER PRODUCTION TO INCREASE IN 2021 AFTER TWO YEARS OF DECLINES: ICSG

The International Copper Study Group (ICSG) has released its copper market forecast for 2020-21 and expects this year will mark the second consecutive year of decline in world copper mine production.

After a drop of 0.2% in 2019, the ICSG anticipates that global copper mine production will fall by about 1.5% this year, before growing by about 4.5% next year.

The forecast is in line with estimates from Colin Hamilton, a mining analyst at BMO Capital Markets. The London-based analyst has projected a 1.7% reduction of worldwide copper mine production in 2020, with production rising by 4.1% in 2021.

The decline in 2019 was mainly due to operational issues, in particular in Indonesia, ICSG said, while this year's drop is due primarily to temporary mine closures caused by the Covid-19 pandemic, most notably in Peru.

Lower copper production in 2020, however, will be partially offset by additional output from newly commissioned mines, ICSG said, including Russian Copper Company's Tominskoye mine and the Deziwa copper-cobalt mine in the Democratic Republic of the Congo (DRC), which went into production in January. Deziwa is a joint-venture between the DRC's state-owned Gecamines and China Nonferrous Metal Mining Company.

“Additional output from new projects, including Tominskoye and Deziwa, coupled with that from ramp-up mines such as Cobre de Panama and a significant recovery in Indonesian output will partially offset the reductions resulting from the pandemic,” the group said in a statement.

Looking ahead to 2021, it said, “output is expected to benefit from a recovery from the constrained operating levels of 2020 and increased supply resulting from the ramp-up of recently commissioned mines and expansions as well as from the planned start-up of larger projects including Kamoanga Kakula, the Spence sulphide project and Lone Star.”

Ivanhoe Mines' (TSX: IVN; US-OTC: IVPAF) Kamoanga Kakula project in the DRC, is slated to begin production in the third quarter of 2021. BHP's (NYSE: BHP; LSE: BHP) Spence sulphide mine in Chile is slated to start production in 2021, and Freeport McMoRan's (NYSE: FCX) Lone Star mine in Arizona is on track to start production by the end of this year.

Refined copper production

Following stagnant output in 2019, world refined copper production is expected to increase by about 1.5% in 2020 and the same percentage in 2021, the ICSG said.

“A significant recovery in Chilean and Zambian output is forecast following temporary shutdowns for smelter upgrades in 2019,” it said. “In addition, a strong recovery is anticipated in Japan and a number of EU countries following a series of smelter maintenances in 2019. Electrowinning production in the Democratic Republic of the Congo is also expected to continue to increase.”

World secondary refined production (from scrap copper) is expected to decline by 5.5% due to a shortage of scrap metal in many regions, the ICSG reported. The shortage is due to decreased scrap generation, collection, processing, and transport resulting from the global lockdown.

Refined copper demand

According to the ICSG, world apparent refined copper usage, which is the sum of production plus imports minus exports, is expected to remain unchanged in 2020 and grow by about 1.1% in 2021.

BMO's Hamilton considers the ICSG forecast of 1.1% “to be slightly conservative given the low 2020 base and recovery already seen,” and has forecast 4.4% growth.

ICSG forecasts global copper demand (excluding China) will decline by 9% in 2020, mainly due to pandemic-related lockdowns. The group said that this is due to anticipated falls in demand of 8% and 6% in the European Union

and the United States, respectively, and significant reductions in India, Japan, and several countries in Southeast Asia. It forecasts global copper demand excluding China in 2021 will rise to one percent.

ICSG estimates a deficit of about 50,000 tonnes of copper this year and a surplus of about 70,000 tonnes in 2021.

Fonte: Mining.com

Data: 23/10/2020



CABRAL ANUNCIA NOVO ALVO DE ALTO TEOR NO PROJETO DE OURO CUIÚ CUIÚ, NO PARÁ

A Cabral Gold identificou um novo alvo de alto teor em seu projeto de ouro Cuiú Cuiú, no Pará. Segundo a companhia, amostras coletadas no alvo, batizado Dona Moça, retornaram valores de 108,3 g/t, 32,0 g/t, 21,9 g/t e 3,9g/t de ouro. Este é o quarto novo alvo relatado pela empresa no ativo apenas no segundo semestre deste ano.

Outros recém descobertos são Alonso e Medusa, nos quais a mineradora já promove campanha de sondagem de circulação reversa (RC, na sigla em inglês). Dona Moça está localizado a 1,6 km de Medusa.

Neste segundo, de acordo com a Cabral, a amostragem de solo dentro e ao redor do alvo identificou "uma grande anomalia de ouro que se estende por pelo menos 1,4 km, estendendo-se a leste das rochas de alto teor relatadas anteriormente que variam de 1,1 a 82,2 g/t de ouro".

"A presença desta anomalia sugere que Medusa pode ser uma zona mineralizada significativa e pode em parte explicar porque tanto ouro de aluvião foi historicamente extraído do riacho adjacente que corre para o norte", observou a empresa em comunicado divulgado na terça-feira (20).

Sondagem

No documento, a companhia informou também que foram apresentados resultados da sondagem em três furos no alvo Alonso, de um total de 25 mil metros planejados para a campanha. "Esses furos iniciais não cruzaram nenhuma mineralização de ouro de alto teor. Os resultados estão pendentes em mais doze furos e o programa de sondagem atual continua", declarou a companhia.

No caso de Medusa, a empresa informou que a sondagem deve começar "nos próximos dias". Segundo a Cabral, já foram recebidos resultados de 1.080 amostras de solo no alvo, que identificaram "uma anomalia coerente de ouro que se estende por pelo menos 1,4 km". Na avaliação da empresa, "isso pode indicar a presença de um grande sistema mineralizado oculto em Medusa".

"A identificação de novo alvo de ouro de alto teor e uma anomalia significativa de ouro no solo em Medusa são desenvolvimentos positivos que continuam a destacar o potencial para descobrir depósitos de ouro adicionais na parte oriental da área de concessão de Cuiú Cuiú", declarou o presidente e diretor-executivo da Cabral, Alan Carter.

De acordo com ele, a atual campanha de sondagem testará "pelo menos" dez alvos diferentes no ativo e levará "vários meses" para ser concluída.

"Enquanto os três primeiros furos no alvo de Alonso não interceptaram a mineralização de alto teor em profundidade, os resultados estão pendentes em 12 furos adicionais, e continuamos comprometidos em identificar a origem dos pedregulhos de alto teor na superfície", concluiu.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

Data: 22/10/2020



SGB PARTICIPA DE DEBATE SOBRE REGULAÇÃO DO SETOR MINERAL BRASILEIRO

Meeting foi promovido pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE)

Atendendo o convite da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), a Diretoria do Serviço Geológico do Brasil (SGB-CPRM) participou nesta quarta-feira, dia 21/10, de reunião virtual para debater sobre regulação no setor mineral brasileiro. A organização internacional está desenvolvendo estudo sobre o tema, com o objetivo de elaborar recomendações para melhorar a eficácia do arcabouço regulatório na proteção dos trabalhadores do setor, dos cidadãos e do meio ambiente, garantindo, ao mesmo tempo, o crescimento econômico e a inclusão social.

A OCDE, órgão internacional composto por 37 países, dedica-se à pesquisa e estudos para melhorar políticas públicas em diversas áreas e desenvolve diretrizes e padrões de políticas globais. Foi fundada em 1961 como um desdobramento da OCEE (Organização para Cooperação Econômica Europeia). Também é conhecida como Clube dos Ricos, porque seus integrantes têm elevado PIB per capita, representando cerca de 80% do comércio mundial e investimentos. A organização tem sede na França. O Brasil busca ingressar na organização com o objetivo de participar de acordos de cooperação e ganhar novos parceiros comerciais.

Representaram o SGB-CPRM na reunião: o diretor de Geologia e Recursos Minerais, Marcio Remédio, o diretor de Infraestrutura Geocientífica, Paulo Romano e o diretor de Administração e Finanças, Cassiano de Souza Alves, representando o diretor-presidente, Esteves Pedro Colnago. Também acompanharam as discussões o chefe do Departamento de Recursos Minerais, Marcelo Esteves e o pesquisador João Larizzatti. O meeting foi mediado pelo coordenador do Programa de Política Regulatória na América Latina da OCDE, Manuel Gerardo Flores.

Fonte: CPRM

Data: 21/10/2020



EM PALESTRA, BENTO ALBUQUERQUE PARTICIPA DE EVENTO COM EMPRESÁRIOS DO SETOR INDUSTRIAL MINEIRO

O Ministro de Minas e Energia, Bento Albuquerque, participou hoje, 21/10, de evento com empresários ligados ao setor industrial mineiro, organizado pela Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais – FIEMG. No encontro, ocorrido na sede da entidade, em Belo Horizonte, Bento Albuquerque proferiu palestra sobre o tema “A energia e a mineração contribuindo para o desenvolvimento de Minas Gerais e do Brasil”, que também foi assistida pelo presidente da federação, Flávio Roscoe, e pelo governador de MG, Romeu Zema, além de autoridades e representantes dos mais diversos segmentos do setor de energia e de mineração do estado.

Bento Albuquerque abriu sua palestra lembrando o momento de pandemia que o País tem vivido e enfrentado, destacando a resiliência demonstrada pelos setores de energia e mineração durante todo esse período, quando ainda em março deu-se início à criação de grupos de trabalhos setoriais e de reuniões diuturnas para o enfrentamento à crise da COVID-19. “Fomos bem-sucedidos e garantimos o fornecimento de energia às atividades essenciais no País”, lembrou o Ministro.

“Desenvolvemos ações no setor elétrico, em especial a MP 950, que permitiu que as distribuidoras tivessem a tranquilidade para desempenhar o seu papel no setor elétrico. Viabilizamos operação de crédito da ordem de 15 bilhões de reais. Foi o primeiro setor nacional de infraestrutura a ter um crédito em serviços essenciais para o suprimento de energia sem interrupções, para a garantia do abastecimento de combustíveis e a preservação das atividades minerais”, observou Bento Albuquerque. Ele lembrou outra ação de grande repercussão e enorme benefício que foi o desconto de 100% na tarifa de energia para consumidores de baixa renda, que alcançou mais de 10 milhões de famílias, além da suspensão do corte de energia e serviços essenciais para este segmento populacional.

O Ministro também citou a questão pendente do GSF, do risco hidrológico, lembrou que as Centrais Elétricas de Minas Gerais - CEMIG pegou o maior volume de recursos, da ordem de R\$ 1,4 bilhões (9,5%), falou sobre a MP do Consumidor (998/2020) e a redução dos impactos nos reajustes previstos em 2020, além da racionalização dos subsídios de fontes incentivadas, que custaram, em 2020, R\$ 4,2 bilhões e crescem R\$ 500 milhões/ano.

Bento Albuquerque falou ainda sobre as ações implementadas no setor de petróleo, gás e biocombustíveis, a exemplo do plano de desinvestimento da Petrobras, com 66 projetos de desinvestimento e US\$ 75 bilhões em investimentos entre 2020 e 2024. A flexibilização de royalties para empresas de pequeno e médio porte alcançaram 24 empresas com a estimativa de geração de 60 mil empregos. “Tivemos que fazer um remanejamento dos leilões de petróleo e gás, mas mantivemos 1, que será realizado em dezembro deste ano. E, para este, mais de 60 empresas, de 13 países diferentes, já mostraram interesse em participar, numa demonstração clara de que temos um ambiente de negócios seguro e favorável a esse tipo de empreendimento”, afirmou o Ministro.

Mineração

Em relação às ações voltadas para o setor de mineração, Bento Albuquerque falou sobre o recém lançado Programa Mineração e Desenvolvimento (PMD), que irá atrair novos investimentos e promover o desenvolvimento da mineração até 2023. Ele lembrou que o Brasil extraiu 88 tipos de minérios do subsolo brasileiro, o que demonstra a riqueza mineral ampla e diversificada que o País possui. “Minerais que no Brasil contribuem com cerca de 2,5% do PIB, geram mais de R\$ 50 bilhões em arrecadação e royalties ao ano, cerca de 3 milhões de empregos diretos e indiretos e que têm importante peso na nossa pauta de exportações”, afirmou.

O Ministro confirmou o replanejamento dos leilões do Serviço Geológico do Brasil – SGB/CPRM, em função da incerteza sobre o preço dos commodities e demanda, mas previu a realização destes certames, também em dezembro. Falou sobre a importância do fortalecimento da Agência Nacional de Mineração (ANM) e sobre o avanço para o setor a partir do enquadramento das ações e procedimentos minerários como atividades essenciais.

Em sua palestra, Bento Albuquerque também falou sobre a carga no Sistema Interligado Nacional e lembrou positivamente que a inadimplência nos últimos 60 dias foi praticamente nula. Citou a performance de Itaipu, que bateu recorde de produtividade, também, Angra 2, que em 2019 bateu recorde mundial de produção contínua, “fundamental para a preservação dos reservatórios de água”, e enalteceu as fontes renováveis, com destaque para as eólicas, que também bateram recorde de atendimento com 94% de carga, no Nordeste.

“Não podemos deixar de lembrar a realização, ano passado, do leilão dos Excedentes da Cessão Onerosa, e o recorde de exportação de barris pela Petrobras, em maio, em plena pandemia”, ressaltou o Ministro. Segundo Albuquerque, a produção de gás, em agosto (134 milhões m3/dia), cresceu 17%, se comparada com maio/2020, estando bem próxima ao valor de janeiro de 2020 (139 milhões m3/dia). O óleo bruto ocupa o terceiro lugar no ranking das exportações totais, cerca de 9,8% (janeiro a setembro), “recordes importantes e fundamentais junto à nossa balança comercial”, afirmou.

Sobre o processo de retomada do setor mineral, o Ministro enfatizou que o minério de ferro atingiu o 2º lugar no ranking das exportações totais, com R\$ 96,9 bilhões, e, no 1º semestre de 2020, a Compensação Financeira pela Exploração de Recursos Minerais – CEFEM foi 1,3% superior em comparação ao mesmo período em 2019.

Importância de Minas Gerais no contexto do setor elétrico

O Ministro destacou a importância do estado de Minas Gerais no contexto do setor elétrico brasileiro, onde 20% das usinas hidrelétricas com reservatórios de acumulação estão em Minas Gerais, que é também o estado com a maior quantidade de geração fotovoltaica instalada, em torno de 18%.

Para Bento Albuquerque, MG também se destaca no setor de petróleo, gás e biocombustíveis. Ele lembrou que na bacia do São Francisco, dos 56 poços perfurados, cerca de 32 apresentam indícios de gás natural, constatação decorrente de prospecção de 2 empresas, Cemes e Imetame. Números mostram que, em 2019, o estado consumiu cerca de 12% do diesel nacional e onde se verifica a presença de 36 usinas produtoras de etanol, concentradas especialmente na região do Triângulo Mineiro, mantendo o índice de 10% da produção nacional de etanol.

Bento Albuquerque apontou que, no setor de mineração, MG é um dos estados mineradores mais importantes do País, que passou a ocupar, agora, o lugar de 2º estado que mais arrecada a CFEM, perfazendo um total de 40,2%. Lembrando que Minas Gerais é responsável por aproximadamente 53% da produção brasileira de minerais metálicos, o Ministro destacou o Nióbio. Segundo ele, 90% de suas reservas mundiais estão no Brasil, e a maior reserva do mundo está exatamente no estado.

Ao falar de futuro, o Ministro destacou o Plano Decenal de Energia – PDE 2030, e disse que os investimentos em geração centralizada, transmissão e geração distribuída, até 2029, perfazem um total de R\$ 456 bilhões, nos próximos 10 anos. No setor de petróleo, gás e biocombustíveis, os investimentos atingem R\$ 1,736 trilhões em exploração e produção, R\$ 33 bilhões em gás natural, R\$ 37 bilhões em abastecimento e, assim, os investimentos setoriais, previstos até 2029, poderão alcançar 2,3 trilhões para os próximos 10 anos.

“Temos também o Plano Decenal de Energia - PDE 2050, no qual a energia nuclear estará mais presente em nossa geração. Até 2050, temos a expectativa de adicionar mais 10gw em nossa capacidade. O Brasil estará entre os 5 maiores produtores mundiais, até lá, cresceremos 2 a 4 vezes se comparado com a produção atual, e atingiremos o lugar de 5º maior produtor de petróleo do mundo e o 4º maior exportador de petróleo do mundo. Nos tornamos, é sempre bom lembrar, exportadores líquidos de petróleo, em novembro do ano passado, com 6,1 milhões de barris/dia. Nossa matriz ficará mais elétrica. A demanda de energia elétrica crescerá 3 a 5 vezes, se comparado com 2020”, afirmou, entusiasmado, o Ministro.

Dando continuidade à palestra, Bento Albuquerque citou ações legais e infralegais implementadas pelo governo federal, e destacou, entre elas, a modernização do setor elétrico, prevista no PLS 232/2016, a capitalização da Eletrobras (PL 5877/2019), o Novo Mercado de Gás (PL 4476/2020), com a retomada do papel da indústria que é o maior consumidor de gás natural; o regime de partilha e concessão (PL 3178/2019).

A mineração e o aproveitamento hidrelétrico em terras indígenas (PL 191/2019) foi outro tema abordado na palestra. “E que fique claro que não queremos explorar terras indígenas. Não há nada mais degradante para o meio ambiente e para as comunidades que ali vivem do que a atividade ilegal”, avisou Bento Albuquerque. “Para isso estamos trabalhando, para que seja regulamentada, e que essas áreas que correspondem a mais de 14% do território reservado às comunidades indígenas, tenham suas atividades desempenhadas de forma sustentável, controlada e fiscalizada”, acrescentou.

Fazendo suas considerações finais, Bento Albuquerque destacou o papel central de MG na economia brasileira e disse esperar que as dificuldades e desafios sejam enfrentados e superados para que o ambiente de negócios seja cada vez melhor no Brasil. Falou sobre a importância da governança, da segurança jurídica e regulatória, do respeito aos contratos e da previsibilidade para os investidores e empreendedores do País.

Fonte: MME

Data: 21/10/2020



MINAS GERAIS DEVE ATRAIR US\$ 12,5 BI EM INVESTIMENTOS NA MINERAÇÃO

Minas Gerais, historicamente o maior produtor mineral e o maior recolhedor de tributos do segmento no país, deve atrair US\$ 12,5 bilhões, ou o equivalente a 34% do total de investimentos no setor mineral brasileiro. Boa parte desses recursos irão para projetos de ferro, fertilizantes, ouro, bauxita, lítio, nióbio, quartzo e calcário. Logo atrás aparecem Bahia, com US\$ 10,5 bilhões (28%), e Pará, com US\$ 8,6 bilhões (23%).

O desempenho da indústria da mineração no terceiro trimestre aponta para a melhoria em diversos indicadores, como exportação, faturamento, recolhimento de royalties e tributos, redução das importações, geração de empregos, entre outros. As perspectivas positivas influenciam também nos investimentos no setor mineral brasileiro de 2020 a 2024, cujas projeções aumentaram recentemente de US\$ 32,5 bilhões para mais de US\$ 37 bilhões.

Ainda assim, na avaliação do diretor-presidente do Instituto Brasileiro de Mineração (Ibram), Flávio Ottoni Penido, e do presidente do conselho diretor do Instituto, Wilson Brumer, nem mesmo o grande volume de aportes será capaz de fazer com que Minas Gerais retome o protagonismo da indústria da mineração nacional, em termos de produção. É que, nos últimos anos, o Pará tem liderado os volumes, especialmente, no que diz respeito ao minério de ferro.

"Novas fronteiras de mineração estão se abrindo no País e a disputa, no curto e médio prazos, permanecerá entre Pará e Minas Gerais. Mas no período mais longo, vejo o Pará com enorme potencial de se consolidar como principal produtor brasileiro", afirmou Brumer em entrevista coletiva on-line.

Ainda conforme o presidente do conselho diretor do Ibram, as projeções de investimentos para Minas Gerais incluem os projetos de recuperação de barragens de rejeitos. Quando considerado apenas novos empreendimentos ou expansões, o montante do Estado deverá somar algo em torno de US\$ 10 bilhões.

"Volume parecido com o da Bahia e próximo ao do Pará. Assim, Minas pode recuperar alguma representatividade, mas o país caminha para ter três grandes produtores de minerais: Pará, Minas Gerais e Bahia", ressaltou.

Pesquisas

De maneira complementar, o diretor-presidente do Instituto lembrou que o estado do Pará é muito pouco conhecido em termos de pesquisa geológica e possui o dobro da área de Minas Gerais. Por isso, para ele, nos próximos anos, ainda poderá haver alguma oscilação entre as unidades federativas quanto à liderança na produção do setor. Mas, à medida que as pesquisas geológicas avançarem na região, novos projetos deverão surgir.

"Aí este se tornará o grande produtor mineral do País. Nota-se ainda que, grande parte do território está na região amazônica, que ainda não é passível de se minerar", destacou.

Faturamento

Os dados do terceiro trimestre apresentados pelo Ibram confirmam a perda de liderança no setor por Minas Gerais. Em termos de faturamento, Minas somou R\$ 19,1 bilhões, o equivalente a 38% do total nacional, que chegou a R\$ 50,7 bilhões no mesmo período. Já o Pará somou R\$ 21,5 bilhões, ou seja, 43% do montante brasileiro.

Já o recolhimento de tributos apresentou crescimento de 28% em relação ao trimestre anterior, chegando a mais de R\$ 17 bilhões, sendo R\$ 1,44 bilhão em royalties (Cfem) e mais de R\$ 16 bilhões em impostos, taxas e outros. No acumulado do ano, o setor recolheu R\$ 43,46 bilhões em tributos. Em todo o ano de 2019, o total foi de R\$ 52,94 bilhões.

Além disso, no período de julho a setembro de 2020, mais uma vez, o Pará apresentou o maior percentual de recolhimento da Cfem, 47,4%, seguido por Minas Gerais, 40,5%, Goiás (2,4%) e Bahia (2%).

Sobre os números em âmbito nacional, os representantes do Ibram explicaram que, no último trimestre, a valorização cambial e também os preços das commodities minerais impulsionaram o faturamento da indústria mineral. Já a produção foi estimada em aproximadamente 287 milhões de toneladas no terceiro trimestre de 2020, ficando acima da registrada no segundo trimestre (210 milhões de toneladas) e também superior ao terceiro trimestre de 2019 (280 milhões de toneladas).

O diretor-presidente do Ibram, Flávio Ottoni Penido, destacou que, no acumulado do ano até setembro, a indústria da mineração brasileira faturou R\$ 126 bilhões e que o resultado de todo o ano de 2019 foi R\$ 153 bilhões, levando a indicação de que os números do exercício tendem a superar os do ano anterior.

"A perspectiva para os próximos trimestres é manter a curva ascendente nesses indicadores, desde, é claro, que a pandemia ou outros fatores não interfiram no desempenho industrial, no Brasil e nos mercados compradores de minérios", estimou.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

Data: 21/10/2020